

5 JUL 1985 JORNAL DO BRASIL

Interesses em jogo no debate sobre a dívida

O professor Marcílio Marques Moreira utiliza um método para analisar a atual situação econômica do País: ele compara os dias de hoje com dois anos atrás.

O que ocorria há dois anos? A atividade econômica, completando o terceiro ano de recessão, retrocedida 3%. No total dos três anos, completávamos 10% de queda em nosso produto. A inflação disparava com uma taxa de 211%, apesar da vigência do Decreto-Lei que limitava os reajustes salariais a 80% do INPC. No plano externo, nos encontrávamos em grave crise de liquidez. O quadro político não era melhor.

O que ocorreu desde então? A crise que assolava o mundo, derivada do desajuste no mercado de petróleo e fatores financeiros chegou ao fim e as economias da maior parte dos países voltaram a crescer. O mundo recomeçou a crescer e, com ele, nossas exportações — que reativaram a economia brasileira.

Hoje, já não se justifica falar em crise. No Brasil, especialmente, não parece lógico ignorar a retomada do crescimento, a obtenção de elevados superávits comerciais e o declínio do desemprego e da inflação. A comparação da situação atual com a de dois anos atrás mostra um nítido contraste: a questão hoje não é mais vencer a crise e sim construir o Brasil de após-crise.

Esse procedimento, segundo Marcílio Moreira, deverá pautar nossa conduta inclusive no trato do acordo com o FMI e credores externos. A seu ver, três premissas devem ser consideradas nestas negociações:

1. A ênfase deve ser menos o problema do estoque de dívida pretérita e mais o objetivo de recompor o fluxo de créditos futuros.

2. A dívida que nos preocupa é a mesma que contribuiu fortemente para o mais abrangente projeto de adensamento do perfil industrial e de modernização da infra-estrutura econômica realizado por qualquer país em desenvolvimento no pós-guerra. Nós rompemos uma barreira e é nessa nova postura que devemos negociar com o mundo.

3. Em consequência dessa transformação, o país dispõe hoje de um aparelho produtivo competitivo que possibilita gerar superávits comerciais externos. Esses superávits são estruturais e, em vez de sermos esmagados pelo setor externo, somos, ao contrário, motivados pelo comércio exterior a prosseguir expandindo nosso produto e nossa capacidade de produzir.

O Brasil, na condição de oitava economia do mundo, é hoje, a seu ver, um parceiro que todos se preocupam em preservar no comércio internacional. Na medida em que formularmos um projeto adequado de recuperação econômica, será viável obter para ele o apoio dos credores — pois estes credores têm também o interesse de novos negócios com o Brasil no futuro. Não se trata de um projeto que somente prometa superávits para pagar a dívida, mas que preserve o Brasil como Nação, como parceiro de novos negócios — e, para tanto, será necessário não perder de vista os aspectos políticos e sociais da questão, especialmente o resgate da dívida social, sem o qual ficaremos seriamente ameaçados de sermos chamados a pagá-la no cartório da História.